



**Universidade Federal de Santa Maria - UFSM**  
**Educação a Distância da UFSM - EAD**  
**Projeto Universidade Aberta do Brasil - UAB**

**Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação**  
**Aplicadas à Educação**

**PÓLO:** Sant'Ana do Livramento

**DISCIPLINA:**Elaboração de Artigo Científico

**PROFESSOR ORIENTADOR:** Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi  
30/09/2009

**O Uso da Tecnologia no Ensino de Língua Estrangeira: um estudo sobre as possibilidades.**

**The use of the technology in education of foreign language: a study on the possibilities.**

**FERREIRA ALVES, Elizângela**

Licenciatura em Letras habilitação Português e Espanhol e suas respectivas Literaturas  
Urcamp ( Universidade da Região da Campanha )

**Resumo**

Este artigo apresenta um estudo sobre o ensino de Língua Estrangeira e o uso das tecnologias como ferramentas didáticas, com ênfase ao computador como recurso pedagógico relevante, utilizando-se do que este possa ofertar, como uma boa estratégia metodológica em uma sala de aula.

**Palavras-chave**

Língua Estrangeira, Tecnologia, Educação

**Abstract**

This article presents a study on the education of Foreign Language and the use of the technologies as didactic tools, with emphasis to the computer as excellent pedagogical resource, using itself of what this can offer, as a good methodological strategy in a classroom.

**Key-words**

*Foreign language, Technology, Education*

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica acerca do uso da tecnologia no ensino da língua estrangeira (LE) para a aquisição de um vocabulário básico tendo em vista um estudo sobre as possibilidades.

Com base em leituras de livros, artigos, teses, dissertações, revistas, PCN's ( Parâmetros Curriculares Nacionais ) e LDB ( Lei de Diretrizes e Bases da Educação ), será realizado um estudo, o qual tratará de como utilizar a tecnologia e de que forma ela contribui no ensino de uma língua estrangeira para a aquisição de um vocabulário básico.

Partiremos de conceitos básicos, tais como: o que é tecnologia, os currículos escolares, a oralidade, a leitura e a escrita em língua estrangeira. Também considerar-se-á os princípios que regem o ensino da língua estrangeira e o panorama do ensino da mesma no Brasil.

A seguir, discutiremos então, as tecnologias e o ensino da língua estrangeira. De que forma e quais são as contribuições tecnológicas no processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira na sala de aula e no ambiente escolar.

Espera-se com estes estudos e discussões, promover o uso da tecnologia em sala de aula e no âmbito escolar, como uma ferramenta relevante no processo ensino/aprendizagem de língua estrangeira, usufruindo assim, do que nos oferece as TIC's ( Tecnologias da Informação e da Comunicação ) e a Tecnologia Educacional .

## **DEFINIÇÕES E CONCEITOS**

### **O que é Tecnologia?**

O termo vem do grego, envolve o conhecimento técnico e científico, e as ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento.

A história da tecnologia é quase tão antiga quanto a história da humanidade.

Segundo Edith Litwin, as novas tecnologias da informação e da comunicação, em particular os computadores, constituem a materialidade dos significados aos quais

remetem as raízes etimológicas da palavra “tecnologia” : techné e logos (técnica e razão).” (1997 p. 79)

Pode-se dizer que dependendo do contexto, a tecnologia pode ser: as ferramentas e máquinas que ajudam na resolução de problemas; as técnicas, conhecimentos, métodos, materiais, ferramentas, e processos usados para solucionar problemas ou ao menos facilitar a solução dos mesmos.

Atualmente, os denominados sistemas digitais, tem ganhado cada vez mais espaço entre as inovações tecnológicas.

As tecnologias podem ser de vários tipos, são elas:

Tecnologia da Informação: o termo designa o conjunto de recursos tecnológicos e computacionais para a geração e uso da informação. Também pode se dizer o conjunto de recursos não humanos dedicados ao armazenamento, processamento e comunicação da informação. Esse tipo de tecnologia não se restringe a equipamentos (hardware), programas (softwares) e comunicação de dados.

Tecnologia Digital: a palavra digital deriva de “dígito”, que por sua vez procede do latim “digitus”, que significa “dedos”. Comumente pensa-se no digital como sinônimo de eletrônico, isso é um equívoco, porém, hoje em dia não se consegue desvincular a palavra “digital” do sistema informático e de tecnologias ligadas à computação.

Tecnologia Educacional: Em cada época histórica, desde o princípio da educação sistematizada, são utilizadas diversas tecnologias educacionais. Ainda hoje, uma prática muito comum é a do quadro e giz, usa-se também a tecnologia dos livros didáticos entre outras. Mas atualmente o grande desafio de todos é adaptar a educação à tecnologia moderna e aos meios de comunicação atuais, como a televisão, o rádio, os suportes informáticos, celulares e outros que podem funcionar como meios educativos.

Segundo Judith Haymore Sandholtz, a problematização do papel das novas tecnologias da informação nos processos de mudança social e cultural ganha particular relevo no âmbito educacional.” (1997, p. 78).

Dessa forma, travam-se então, grandes e profundas discussões e reflexões sobre o tema “tecnologia”, principalmente no que tange a educação.

### **Currículos Escolares, Língua Estrangeira e a Tecnologia**

Podemos dizer que seres humanos vão à escola com vários objetivos. Mas a existência da escola cumpre um objetivo antropológico importante, que é o de garantir a continuidade da espécie, socializando para as novas gerações as aquisições e invenções resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade (Moreira,2008).

Pode-se dizer que a escrita e a escola são criações recentes da humanidade, principalmente considerando-se que a fala surgiu há cerca de 200 mil anos, já os primeiros registros de imagens em suportes como parede das cavernas datam de 25 mil anos no continente europeu (Moreira,2008)

A escrita surgiu a aproximadamente cinco milênios, depois de sua criação o desenvolvimento cultural se acelera com a invenção da imprensa, e a partir daí, se acompanha uma grande aceleração no desenvolvimento das ciências e das técnicas artísticas, na invenção de equipamentos, na produção literária e desenvolvimento tecnológico, vêm ocorrendo mudanças enormes nas formas de comunicação dos seres humanos, no fluxo de informação entre países e na inovação instrumental e tecnológica. Isto se reflete na escola, pois educar crianças hoje exige uma nova visão, atitudes e saberes, tanto dos professores como dos alunos (Moreira,2008).

Segundo Moreira e Candau, na Coleção Indagações sobre Currículo, promovida pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação Básica: “O papel do educador no processo curricular é assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula.” (2008, p. 19).

Sendo assim, as escolas e suas comunidades escolares começam a entender e modificar seus currículos, em função da inegável pluralidade cultural do mundo atual, no entanto toda essa diversidade e pluralidade podem propiciar o enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica no âmbito da educação.

Ainda na palavra de Moreira e Candau, no volume 3, Currículo, Conhecimento e Cultura: “... A escola precisa preparar-se para bem socializar os conhecimentos escolares e facilitar o acesso do estudante a outros saberes.” (2008, p.20)

No que tange as leis que norteiam a educação no Brasil, temos na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), capítulo II, seção 1, das disposições gerais da Educação Básica, artigo 26: “Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.” Diz, ainda, no inciso 5º : “Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da 5ª série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja a escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.” No mesmo capítulo, seção III, do Ensino Fundamental, artigo 32, diz: “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 anos de idade, terá por objetivo a formação do cidadão, mediante a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.”

Nas palavras de Moran:

“O conhecimento não é fragmentado mas interdependente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando, o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica possível. Ler, escrever, ouvir e calcular são mega-habilidades incrivelmente complexas e sofisticadas. Desenvolver a habilidade lingüística significa adquirir, ao mesmo tempo, lógica e a sintaxe que estão inseridas na linguagem.” (2000, p.18)

De acordo com os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), que também orientam a educação brasileira, em se tratando basicamente sobre o ensino de Língua Estrangeira, entende-se que essa aprendizagem é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão, por isso, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social.

Compreende-se, então, currículo escolar – tecnologia – educação (ensino/aprendizagem de língua estrangeira) como um processo intrinsecamente ligado ao social, a cultura, ao meio no qual se está inserido, no conhecimento da realidade, onde todos deverão engajar-se.

### **Breve Panorama do Ensino de Língua Estrangeira no Brasil**

Baseado em algumas pesquisas feitas em todo o território nacional, as quais foram analisadas e levadas em conta dentro dos PCN's pode-se fazer algumas observações.

A primeira observação é que o ensino dessa disciplina não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado.

Frequentemente, a disciplina não é privilegiada nos currículos escolares. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados brasileiros, ainda, a língua estrangeira é colocada fora da grade curricular.

No que tange aos objetivos, a maioria das propostas priorizam o desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita, o que não decorre de uma concepção explícita da natureza da linguagem e do processo de ensino e aprendizagem de línguas, tampouco de sua função social. Na maioria das vezes, as propostas situam-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas, porém, os exercícios propostos exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizadas.

Infelizmente, todas as propostas esbarram em circunstâncias difíceis em que se dá o ensino/aprendizagem de língua estrangeira: falta de materiais adequados, classes numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente.

### **A ORALIDADE E A ESCRITA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, há duas questões, as quais são âncoras da língua estrangeira: uma visão sociointeracional da linguagem e da aprendizagem.

Quando falamos da visão sociointeracional da linguagem leva-se em conta que as pessoas quando se engajam num discurso, todos os envolvidos juntos farão a construção social do significado.

Segundo Moran:

“Processamos a informação de várias formas, segundo o nosso objetivo e nosso universo cultural. A construção se dá aos poucos, em sequência concatenada. tanto a escrita quanto a leitura depende das habilidades de se fazer julgamentos, estabelecer comparações, relações e de comunicá-los aos outros.” (2000, p.18 e 19)

Tanto, que para ser possível essa natureza sociointeracional na linguagem, o aprendiz utiliza três tipos de conhecimentos. Sejam eles:

**Conhecimento Sistêmico:** envolve vários níveis da organização lingüística que as pessoas possuem (conhecimentos léxico-semânticos, morfológicos, sintáticos e fonéticos-fonológicos). Isso possibilitará que ao produzirem enunciados, as pessoas façam escolhas gramaticalmente adequadas.

**Conhecimento de Mundo:** se refere ao conhecimento convencional que todos têm sobre as coisas do mundo, isto é, informações que ficam armazenadas na memória sobre várias coisas e ações, conhecimentos construídos ao longo de suas experiências de vida.

**Conhecimento da Organização Textual:** este tipo de conhecimento que o usuário de uma língua tem, engloba as rotinas interacionais que as pessoas usam para organizar a informação em textos orais e escritos. O conhecimento sobre a organização textual oral e escrita pode ser chamado também de intertextual e é de natureza convencional.

Quanto a visão sociointeracional da aprendizagem, os processos cognitivos têm uma natureza social, sendo gerados por meio da interação entre um aluno e um parceiro. Na sala de aula, esta interação adquire em geral, um caráter assimétrico (participantes

ocupando posições desiguais no mundo social), daí a importância de o professor compartilhar seu poder e dar voz ao aluno, para que este possa constituir-se como sujeito do discurso e, portanto, da aprendizagem.

Conforme Moran, ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação.” (2000, p. 29)

O uso da linguagem (tanto verbal quanto visual) é essencialmente determinado por sua natureza sociointeracional. Todo o significado é dialógico, isto é, construído pelos participantes do discurso. Pode-se dizer que todo o encontro interacional é marcado pelo mundo social que o envolve: pela instituição, pela cultura e pela história. Do ponto de vista educacional, a aprendizagem de Língua Estrangeira pode desempenhar uma função interdisciplinar no currículo, tendo como bases a interação e o social.

Diz-se que as percepções modernas da aprendizagem de Língua Estrangeira foram, principalmente, influenciadas por três correntes: a Behaviorista, a Cognitivista e a Sociointeracional.

Na Visão Behaviorista a aprendizagem de Língua Estrangeira é compreendida como um processo de aquisição de novos hábitos lingüísticos no uso da língua. Usa-se uma rotina para a automatização desses novos hábitos que envolveria: estímulo – resposta – reforço. Sob essa ótica, a sala de aula de Língua Estrangeira resultou no uso de métodos que enfatizavam exercícios de repetição e substituição, focalizando-se, principalmente, o processo no ensino e no professor.

Enquanto, na visão Cognitivista o foco do ensino desloca-se para o aluno ou para as estratégias que ele utiliza para construir sua aprendizagem na Língua Estrangeira. Os traços característicos da língua construída pelo aprendiz, comumente, entendidos como erros, passam a ser vistos como constitutivos da língua em construção no processo de aprendizagem. Uma importante contribuição da corrente cognitivista foi chamar a atenção para a questão dos diferentes estilos individuais de aprendizagem que as pessoas possuem, isto é, nem todos os alunos aprendem da mesma maneira.



Já na Visão Sociointeracional, embora alguns aspectos possam ser explicados por abordagens Behavioristas ou Cognitivistas, cada vez mais há a tendência de se explicar a aprendizagem como um fenômeno sociointeracional. Sendo assim, o foco que, na visão behaviorista, era colocado no professor e no ensino, e, na visão cognitivista, no aluno e na aprendizagem, passa a ser então, na interação entre o professor e o aluno e entre alunos atualmente.

Conforme Moran, o professor atua como coordenador, motivador, elo do grupo. Ele ajuda, problematiza, incentiva, relaciona.” (2000, p. 48)

Não poderíamos deixar de falar também nas habilidades comunicativas, as quais são de extrema importância na aprendizagem de uma língua. Sejam elas de Compreensão e de Produção.

Quando falamos em Compreensão, isso abrange as habilidades da oralidade, escrita e também a leitura.

O processo de compreensão oral e escrita decorre de fatores relativos ao processamento da informação, cognitivos e sociais. Podemos afirmar que compreender envolve a percepção da relação interacional entre quem fala, o que, para quem, por que, quando e onde. Numa sala de aula, por exemplo, o resultado implicará, portanto, as contribuições, as divergências, crenças e valores dos participantes desse contexto na construção social do significado. Pode-se ressaltar que esse processo já foi vivenciado pelo aluno na aprendizagem de sua língua materna, o que deverá facilitar a aprendizagem da compreensão escrita e oral em Língua Estrangeira.

Quando se fala em compreensão escrita, o fato mais característico é a ausência do interlocutor. Esse processo envolve os conhecimentos sistêmicos, de mundo, de organização textual.

Tem ainda a leitura: sendo que esta última pode-se pensar em três fases: pré-leitura, leitura e pós-leitura; momentos marcados pela sensibilização, projeção do seu conhecimento nos elementos do texto e finalmente, o pensar sobre o texto lido, respectivamente.

Quando se trata da compreensão oral, esse processo assemelha-se ao da compreensão escrita. Podemos dizer que nem toda comunicação oral é recíproca, há casos em que não ocorre uma interação mútua. Outras vezes ocorre uma comunicação recíproca, que oferece a possibilidade do outro se manifestar, há a participação dos interlocutores (falantes e ouvintes) no ato comunicativo. Do ponto de vista do processo de ensinar e aprender, ademais das questões semelhantes ao ensino da compreensão escrita, convém considerar um conhecimento específico da compreensão oral: conhecimento ao nível fonético-fonológico

Além das habilidades comunicativas de compreensão oral e escrita também existe a Produção, dentro do processo ensino/aprendizagem de LE, que pode ser da mesma forma oral e escrita. A escrita tem a tendência a exigir mais planejamento do que a produção oral, isso se deve a não simultaneidade do ato interacional típica da fala, pois o escritor ao produzir seu texto deverá ter em mente sempre a construção de significado que será feita pelo leitor, sendo assim, quem escreve se vê obrigado a expor informações/idéias de maneira mais clara, planejada e detalhada. O que na produção oral, por ocorrer maior interação entre os participantes, por ter a presença de interlocutores, torna-se mais fácil.

Nas palavras Moran, “a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações.” (2000, p. 36)

Conforme os PCN's da Língua Estrangeira, os temas centrais da proposta para o ensino da disciplina são: a cidadania, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem, utilizando-se da aprendizagem de línguas para compreender, na escola, as várias maneiras de se viver a experiência humana.

## **AS TECNOLOGIAS E O ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

De acordo com o que já vimos anteriormente, o ensino e a aprendizagem da Língua Estrangeira está pautado basicamente na abordagem sociointeracional, com isso, devendo-se considerar as evoluções e transformações que ocorrem na sociedade,

privilegiando assim, o conhecimento de mundo, bem como tudo o que está a nossa volta, como por exemplo, as tecnologias.

Como fala Moran, “passamos muito rapidamente do livro para a televisão e o vídeo e destes para o computador e a internet, sem aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio”. (2000, p. 32)

Com certeza, a colocação deste autor é de extrema coerência, tudo evoluiu rapidamente, nós professores, trocamos de estratégias, metodologias e buscamos incessantemente por novos meios de apoio, que contribuam pedagogicamente na construção do conhecimento, no processo de aprendizagem de nossos alunos, e hoje acredita-se nas tecnologias como esse meio que poderá revolucionar a educação.

Certamente, essas mudanças vão além de simplesmente usar algum tipo de tecnologia em sala de aula ou no ambiente escolar, mas pressupõe comportamentos e atitudes diferentes por parte de professores e alunos.

Em Moran, o professor \_ tendo uma visão pedagógica inovadora, aberta, que pressupõe a participação dos alunos \_ pode utilizar algumas ferramentas simples da internet para melhorar a interação presencial-virtual entre todos. (2000, p. 46)

O autor faz uma ótima colocação com relação ao uso atual dos computadores e principalmente da internet, com tarefas e atividades simples como ferramentas na construção da aprendizagem, porém há a necessidade de o professor adquirir uma postura pedagógica diferenciada, inovadora e aberta.

Fala-se também numa nova postura do aluno, como diz José Moran, assim o papel do aluno não é o de ‘tarefeiro’, o de executar atividades, mas o de co-pesquisador, responsável pela riqueza, pela qualidade e pelo tratamento das informações coletadas. (2000, p. 48)

Precisa-se, contudo, refletir, pensar e analisar de forma crítica o uso das tecnologias da informação e da comunicação, sua participação e contribuição concreta no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda, nas palavras de Moran:

“O reconhecimento da era digital com uma nova forma de categorizar conhecimento não implica descartar todo o caminho trilhado pela linguagem oral e escrita, nem mistificar o uso indiscriminado de computadores no ensino, mas enfrentar com critério os recursos eletrônicos como ferramentas para construir processos metodológicos mais significativos para aprender.”  
(2000, p. 74)

Podemos dizer que o novo paradigma na era digital, na sociedade da informação, oferece uma prática docente assentada na construção individual e coletiva do conhecimento, o que vem de encontro ao caráter sociointeracional do ensino da Língua Estrangeira.

Voltamos ao que nos diz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira sobre uma aprendizagem de conhecimento compartilhado, ou seja, todo o processo de aprendizagem, mediado pela interação, levará à construção de um conhecimento conjunto entre aluno e professor ou mesmo entre alunos.

Segundo Boaventura e Périssé (1999, p.84):

“Nesse cenário de grandes mudanças, as chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), mais do que qualquer outro fator, têm provocado uma verdadeira metamorfose na nossa maneira de trabalhar e viver. O acesso aos telefones celulares, antenas parabólicas, DVD e, sobretudo, ao espaço cibernético, cada vez mais onipresentes, permite, de forma inédita, o livre trânsito instantâneo de informações. As distâncias e os fusos horários, que constituíram grandes barreiras para a comunicação entre pessoas em países diversos, não mais o são. A possibilidade de comunicação praticamente instantânea e a um custo reduzidíssimo tem possibilitado a livre troca de pontos de vista entre pessoas.”

Sendo assim, aproveitando todas as contribuições que as TIC's ofertam, em se tratando de uma mediação pedagógica, o aluno num processo de aprendizagem, adquire o papel de aprendiz ativo e participante, de sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento. Essas ações ele as realiza sozinho (auto-aprendizagem), com o professor e com os seus colegas (interaprendizagem). Estas interações (aluno-professor-alunos) conferem o pleno sentido de cooperação, colaboração, conhecimento compartilhado, já citado no que se refere ao ensino/aprendizagem da Língua Estrangeira.

Enfim, estamos todos expectantes diante do impacto das novas tecnologias, por suas demandas para os novos modos de se comunicar e pensar.

Assim, acredita-se na possibilidade de trabalhar, pensar e construir conhecimentos, de maneira que as práticas do ensino, em suas mais variadas formas, proponham novos modos de transformação.

Diante de uma sociedade bombardeada pelas tecnologias, quando as crianças já desde seus primeiros anos de vida estão envoltas em tanto aparato eletrônico, recursos audiovisuais fascinantes, torna-se quase impossível que a escola esteja a margem de toda essa revolução tecnológica que o mundo inteiro vivencia.

Entretanto, como em tudo, é preciso muita cautela quanto ao tema educação e tecnologia.

A disciplina de Língua Estrangeira pode ser bem privilegiada com as tecnologias, tendo estas como ferramentas para o desenrolar do processo ensino/aprendizagem, como meios relevantes de apoio às aulas, porém, é importantíssimo não esquecer que a tecnologia possui um valor relativo, pois ela somente trará resultados se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. Neste caso, as técnicas não se justificarão por si só, mas pelos objetivos pretendidos, que aqui se trata da aprendizagem de uma Língua Estrangeira.

Hoje, podemos dizer que a tecnologia aparece no cenário educacional, como algo imprescindível, mas ao mesmo tempo temível, pois a idéia de que somente incorporando novos meios, produções, ferramentas e instrumentos nas escolas, já estaremos criando inovações pedagógicas, isso pode ser um grande equívoco e até se perder o rumo.

Nas palavras de Litwin:

“O homem é um ser tecnológico, em contínua relação de criação e de controle com a natureza. No Ocidente, o afã do homem moderno por construir máquinas e conquistar a natureza levou-o a elaborar a tese de que a fabricação e utilização de ferramentas tem sido o fator determinante e essencial de sua evolução...” (1997, p.26)

Na escola, o uso dos meios tecnológicos não garantem o sucesso da aprendizagem nem o desenvolvimento de habilidades cognitivas por si só, a qualidade educativa destes meios de ensino, mais do que de suas características técnicas depende, do uso ou exploração didática feita por parte do docente e do contexto em que se desenvolve.

No caso do uso em específico do computador, este artefato como recurso didático oferece várias modalidades, as quais poderão auxiliar muito na aprendizagem de Língua Estrangeira. Além dessas modalidades, existem linguagens de programação de vários tipos e ferramentas de uso polivalente.

Consideram-se ferramentas de uso polivalente: processadores ou editores de textos, banco de dados, folhas ou planilhas de cálculo, programas de gráficos, sistemas especializados, programas de estatística, telemática. Tais ferramentas ajudam a organizar, processar, armazenar, recuperar e transmitir a informação, e auxiliar a expressão e análise de problemas. Dependendo da área de conhecimento de que se trate, há modalidades e ferramentas polivalentes mais adequadas que outras, por exemplo, na área de Língua, as modalidades e ferramentas mais apropriadas são: processamento de textos, exercícios, jogos, simulação e demonstração. Essa adequação a área de língua se dá por apresentarem determinadas características e funções, sejam elas:

Na modalidade de Exercício, por serem programas que apresentam problemas para serem resolvidos pelo aluno, verificam as respostas, podem dar exemplos de ajuda e manter um registro da quantidade de respostas corretas e incorretas.

Na modalidade de Simulação é apresentada artificialmente uma situação real, e faz um extenso uso de meios gráficos e interativos (construção de figuras, imagens, animação, etc.). Estes programas são insubstituíveis quando não se pode ter acesso à experiência real.

A modalidade Jogo pode-se dizer que seja a mais eficaz, primeiramente por aproximar meninos, meninas e adolescentes aos computadores. Os jogos de maior valor pedagógico são os que propiciam habilidades cognitivas complexas como o xadrez, os quebra-cabeças, os jogos de memória, etc.

Na modalidade Demonstração, o programa permite ao aluno visualizar na tela o que ocorre se vissem uma ou mais variáveis num determinado processo. O computador permite que em pouco tempo se possam realizar diferentes observações incorporadas ao objeto, também possibilita a inclusão de cor e som, e permite várias formas de representação (gráfica, textual ou numérica).

Quanto à ferramenta polivalente de processamento ou edição de textos ajuda e apóia quanto à construção da aprendizagem, principalmente na área de Língua, quando se trabalha com o conhecimento sistêmico e de organização textual, com a compreensão e produção escrita e oral.

Segundo Sandholtz:

“A tecnologia é um catalisador para a mudança nos processos de sala de aula, porque propicia um rumo diferente, uma mudança no contexto que sugere formas alternativas de operação. Ela pode impulsionar uma mudança de uma abordagem instrucional tradicional para um conjunto mais eclético de atividades de aprendizagem que inclui situações de construção de conhecimento para os alunos.” (1997, p. 58)

Atualmente, vê-se a tecnologia como uma poderosa ferramenta para o processo ensino/aprendizagem, porém, apesar de todo o seu potencial, jamais substituirá os professores, pois a tecnologia é apenas uma ferramenta entre muitas, esta se torna ainda mais poderosa quando utilizada com abordagens que focalizem mais a solução de problemas, o desenvolvimento de conceitos e o raciocínio crítico do que a simples aquisição de conhecimento e informação.

Percebe-se que cresce a cada dia o uso da tecnologia educacional, com ferramentas online e colaborativas, as principais são agregação e distribuição de conteúdos (RSS e ATOM), ambientes de aprendizagem como weblogs (blogs), webquests, wikis e objetos educacionais.

É muito importante que se identifique as ferramentas que realmente podem ser utilizadas como instrumentos educacionais, fazendo uma avaliação da sua aplicação de maneira a promover a aprendizagem significativa.

Um dos principais recursos digitais pode-se considerar os Objetos de Aprendizagem (OA), dentro de uma perspectiva nova de educação mediada por computador. Tais recursos são uma tecnologia recente que desponta na educação, com a possibilidade de uma solução que poderá beneficiar a todos, professores e alunos.

Um OA deve ser breve e sintético, isto é, deverá alcançar o objetivo proposto mediante a utilização dos recursos (textos, imagens, diagramas, figuras, vídeos, animações e outros).

São muitas as vantagens da inserção deste recurso (OA) no ensino, pois permitem a construção de contextos digitais para os conteúdos que serão explorados. Quais sejam esses contextos, fazem uso de uma série de ferramentas midiáticas, são elas a música, os desenhos, gráficos, simulações, jogos, etc. A contextualização permite aos aprendizes relacionar mais facilmente os conteúdos trabalhados e suas aplicações práticas.

Basicamente, os OA são pequenas unidades de conteúdo interativo, tendo como forte característica a interatividade. Também este recurso deve possuir uma alta usabilidade, ou seja, facilidade de navegação e clareza nas informações, para que a exploração dos objetos seja bastante simples para os usuários.

Dentre as várias ferramentas disponíveis, temos os Jogos, que possuem as características de serem prazerosos, motivantes, desenvolverem o raciocínio lógico e a coordenação motora. Utilizando técnicas de videogame, os jogos educacionais foram adaptados e elaborados com conteúdos escolares. Há duas categorias: os simuladores e os jogos de aventura. Os primeiros, são programas que tentam reproduzir no computador aspectos do mundo real, esses jogos objetivam desenvolver o raciocínio lógico, através da apresentação de situações-problema que exigem inteligência, planejamento cuidadoso, etc. A utilização deles proporciona o desenvolvimento da fluência comunicativa numa LE, pois o computador tem essa capacidade de fornecer um ambiente motivador. Já no segundo caso, os jogos de aventura, apresentam um caráter lúdico e proporcionam atividades motivadoras, principalmente se estiverem ligadas aos interesses dos alunos. Esses jogos no ensino de uma língua estrangeira propiciam aos educandos situações em que seja necessário tomadas de decisões usando a língua-alvo, a fim de resolver um problema ou atingir um objetivo.



A Internet também vem tomando espaço como a grande “estrela” da atualidade e cada dia mais influencia nas áreas social, cultural e educacional. Hoje é inegável que todos aqueles que têm acesso a este ciberespaço não conseguem imaginar-se longe dele. A utilização da internet e seus recursos sob uma ótica sociointeracional por proporcionar ao aluno não somente o aprendizado da língua, mas também por propiciar aos alunos uma aproximação com a cultura de países que falam a língua-alvo, tais experiências motivam e integram o aluno em contextos significativos, tudo isso através do computador e da internet, recursos que oferecem grandes possibilidades em situações de aprendizagem.

O uso do computador vem aumentando nas aulas de LE, pois este tem servido de instrumento mediador na manipulação da língua alvo.

Além das ferramentas e recursos já mencionados, há ainda os ambientes eletrônicos para comunicação, os quais permitem aos aprendizes usar uma variedade de estratégias para expressar, interpretar e negociar informações. Os correios eletrônicos e as listas de discussão são mecanismos que permitem um contato imediato com situações concretas de comunicação e de uso da língua-alvo, aproximando a realidade lingüística dos falantes (alunos) com falantes nativos. Pode-se dizer que o uso desses programas no ensino comunicativo de línguas seja bastante positivo, fundamentalmente pela permissão dessa troca real entre aprendizes e falantes nativos.

Entende-se então, a tecnologia computacional, ou melhor, a informática aplicada à educação, como um grande recurso pedagógico que proporciona uma participação ativa dos educandos na construção e no seu próprio desenvolvimento cognitivo.

## **CONCLUSÕES**

Após várias leituras e pesquisas bibliográficas, ao longo deste trabalho, concluí-se que a tecnologia associada à educação, pode ser uma ótima aliada para o sucesso da aprendizagem construída pelo próprio aluno, com a mediação do professor e o uso de ferramentas adequadas aos objetivos que se deseja alcançar.

Em se tratando da Língua Estrangeira, este universo tecnológico amplia-se ainda mais, toda e qualquer tecnologia pode ser utilizada a favor de um ensino e uma aprendizagem

de qualidade, desde que explorado de maneira correta, pois a tecnologia tem um caráter interativo, o que em consonância com a visão sociointeracional proposta pelos parâmetros curriculares nacionais (PCN's) para a Língua Estrangeira colaboram para o sucesso de todo o processo, ou seja, para que se obtenha uma educação qualificada.

Entretanto, a tecnologia educacional vem sendo amplamente discutida, algumas opiniões a favor e outras ainda contra, pois há todavia, quem resista a essa avalanche tecnológica que nos chega diariamente.

Dentre algumas tecnologias usadas como ferramentas didáticas, destaca-se sim, o computador, como um recurso pedagógico relevante no ensino de LE, pelas possibilidades que ele oferece na ampliação do processo ensino/aprendizagem, no que tange ao uso e aplicação real da LE, seja na utilização de blogs, correios eletrônicos, pesquisas em páginas da web, Objetos de Aprendizagem, wikis, etc.

Enfim, em se tratando da associação Língua Estrangeira e Tecnologia, acredita-se plenamente nesta parceria, ampliando-se horizontes e até transcendendo-se fronteiras através da tela de um computador.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

**PCN's** – Parâmetros Curriculares Nacionais. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Língua Estrangeira.

**WIKIPÉDIA** – Enciclopédia Livre ( Internet )

**MOREIRA**, Antônio Flávio Barbosa. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura / Antônio Flávio Barbosa Moreira, Vera Maria Candau; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento, - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

**GOMES**, Nilma Lino. Indagações sobre currículo: diversidade e currículo / Nilma Lino Gomes; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento, - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

**MORAN**, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica / José Manuel Moran, Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens, - Campinas, SP: Papyrus, 2000.

**SANDHOLTZ**, Judith Haymore. Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos/ Judith Haymore Sandholtz, Cathy Ringstaff e David C. Dwyer: trad. Marcos Antônio Guirado Domingues, - Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**LITWIN**, Edith. Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas / organizado por Edith Litwin, - Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**SOBRINHO**, Marialina Corrêa. Objetos de Aprendizagem no Ensino de Inglês. Marialina Corrêa Sobrinho, Paula Christina Figueira Cardoso, Eloi Luiz Fávero. Novas Tecnologias na Educação. CINTED – UFRGS.

**BARBOSA**, Rita Cristiana. O jogo educacional como recurso digital e a aprendizagem significativa de gramática. Rita Cristiana Barbosa, Romero Tavares, José Nazareno dos Santos, Gil Luna Rodrigues, Mariel Andrade.

**MAR**, Gisele Domingos do. Jogando para aprender: o lúdico no ensino de línguas. UNESP/ Assis, SP. Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2002.

**OEIRAS**, Janne Yukiko Yoshikawa. Ambiente computacional auxilia ao ensino/aprendizagem de línguas à distância (ACEL) / Janne Yukiko Yoshikawa Oeiras - Campinas, SP, 1998. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Computação.

**TAVARES**, Arice Cardoso. O papel dos objetos de aprendizagem no ensino de línguas: uma análise em cursos on-line de espanhol como Língua Estrangeira. Pelotas – RS, 2007

**Elizângela Ferreira Alves** [eliz\\_falves@hotmail.com](mailto:eliz_falves@hotmail.com)

**André Zanki Cordenonsi** [andrezc@gmail.com](mailto:andrezc@gmail.com)

